



Eixo: Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, sexualidades.

Sub-eixo: Feminismo e Serviço Social.

O MOVIMENTO SOCIAL FEMINISTA E AUTONOMIA DAS MULHERES

RENATA RAFAELA BRAZ PEREIRA DE OLIVEIRA¹
DARIANA MARIA SILVINO²

Resumo: O feminismo como movimento social, busca igualdade, liberdade, direitos e oportunidades para as mulheres, rompendo papéis sociais construídos e padrões postos, ao longo da história, pela existência do patriarcado, sexismo e capitalismo nas suas vidas. Existência da autonomia, como princípio norteador para a auto representação, ação política e financeira das mulheres, independente de atuação de ONGs, partidos ou instituições, militando em nome do movimento. Trazemos assim, as vivências e as várias experiências femininas. Na contemporaneidade, vemos o processo de desanguização, na construção do sujeito político organizado, autônomo em coletivo total.

Palavras-chave: Movimento social; Feminismo; Autonomia; ONGs; Coletivo Total.

Abstract: Feminism as a social movement seeks equality, freedom, rights and opportunities for women, breaking social roles built and patterns throughout history, the existence of patriarchy, sexism and capitalism in their lives. In the construction of autonomy, as guiding principle we mean self representation, political and financial action, independent of the performance of NGOs, parties or institutions, representing and militating for the movement. We bring the experiences and various female experiences. In contemporaneity, we see the process of degeneration, in the construction of the organized political subject, autonomous in total collective.

Keywords: Social movement; Feminism; Autonomy; NGOs; Total Collective.

1 INTRODUÇÃO

A discussão do feminismo se faz de grande relevância e necessária, na condição de movimento social e enfrentamento político, para as mulheres e no processo de aprofundamento da construção da consciência militante feminista e luta pela mudança dessa sociabilidade patriarcal, machista, sexista e capitalista que oprime, domina e explora corpos e vidas. Que nega cotidianamente essa realidade tão perversa e cruel. Acreditamos que só teremos uma verdadeira transformação e mudança social, econômica, política e cultural na sociedade, quando homens e mulheres, de fato forem iguais em

¹ Estudante de Graduação. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: <renatinhasf2007@hotmail.com>

² Profissional de Serviço Social. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

direitos, oportunidades, e parafraseando Beauvoir, só assim enxergaremos o que há de melhor na vida, a liberdade.

Ao longo desse trabalho, trazemos uma abordagem do feminismo, na condição de movimento social que visibiliza sujeitos silenciados, torna público demandas e lutas de uma grande parcela da população, que tem os seus direitos violados cotidianamente, por sistemas, que inferioriza mulheres e privilegia homens. Pois o patriarcado-capitalismo-racismo estão imbricados para junto dominarem.

Sabemos que o sexo masculino, também sofre com tais sistemas, mas os sujeitos centrais das opressões são as mulheres, então é por elas que o feminismo existe, militando e ousando lutar, sempre! Tendo envolta desta “imbricação” um nítido recorte de classe, raça e sexo. Portanto, iniciaremos o debate com uma breve contextualização da história dos movimentos sociais, para poder entender a importância das lutas e resistências do movimento feminista por sua autonomia e existência enquanto tal. Depois, abordaremos sobre o fenômeno da organização feminista e sua institucionalização e como acontece a construção desse coletivo total, fruto das diversas realidades e vivências de mulheres que compõe o campo do feminismo.

2 DISCUSSÃO ACERCA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Inicialmente vale destacar que acerca do conceito de Movimentos Sociais não há uma síntese única, tampouco uma teoria geral e universal que o defina, até mesmo por não existir uma única face deste. Conforme Gohn (1997), a temática dos movimentos sociais surge como objeto de estudo juntamente com o nascimento da sociologia.

[...] na sociologia acadêmica o termo 'movimento social' surgiu com Lorens Von Stein, por volta de 1840, quando este defende a necessidade de uma ciência da sociedade que se dedicasse ao estudo dos movimentos sociais, tais como um movimento proletário francês e o do comunismo e socialismo emergentes (SCHERER-WARREN *apud* GOHN, 1997, p.12).

Nesse sentido, a história dos movimentos sociais está, intrinsecamente, ligada às novas formas de organização social, econômica, no âmbito da produção, da organização do trabalho e da política da sociedade. Assim,

considera-se importante refletir que com o advento da Revolução Industrial na Europa por volta do século XVIII, “foram desenvolvidas novas formas de produção e de organização do trabalho, marcando a passagem da manufatura para a indústria” (DURIGUETTO, MONTAÑO, 2011, p. 227).

Assim, para conceituar o que é um movimento social na sua forma mais ampla, faz-se necessário fazermos distinção desse em relação à mobilização social, duas categorias que são muito confundidas. A primeira configura-se como “uma organização, com relativo grau de formalidade e de estabilidade, que não se reduz a uma dada atividade ou mobilização”. (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2011, p 264), enquanto que a segunda “remete a uma atividade, que se esgota em si mesma quando concluída [...] não necessariamente significa nem constitui um movimento social” (MONTAÑO, DURIGUETTO, 2011, p. 264). Assim sendo, uma categoria não anula a outra, ambas são muito importantes pois denotam a resistência na tentativa de conseguir assegurar um direito historicamente conquistado.

Como visto, a mobilização social pode ser entendida como uma atividade de curto prazo, quando visa alcançar algum objetivo ou aspecto pontual da realidade. Já o movimento social tem suas ações a longo prazo, pois suas reivindicações perpassam questões mais amplas, gerais e podem ter um caráter classista. Suas ações devem ser cotidianas e não se esgotam em si próprias, pois seu objetivo só será alcançado através de uma perspectiva conquistas maiores para os segmentos que defendem. Para alguns movimentos de caráter anticapitalista a emancipação humana é um horizonte e, por esta razão, só se efetiva com o fim da sociedade de classes, em outras palavras, rompendo com o capitalismo.

Assim, compreende-se que ambas podem até se complementar, ou mesmo a mobilização pode ser uma ferramenta da ação do movimento social, mas tem significados e atribuições diferentes. Ainda nas contribuições de Montañó e Duriguetto “O Movimento Social, é conformado pelos próprios sujeitos portadores de certa identidade/ necessidade/ reivindicação/ pertencimento de classe, que se mobilizam por respostas ou para enfrentar tais questões [...]” (2011, p. 264).

Entre as diversas discussões em torno dos movimentos sociais, destacamos a existência de estudos de alguns autores que reconhecem que na sociedade contemporânea surgem novos movimentos sociais. “Nessa perspectiva, entende-se como o “novo” dos NMS a sua constituição heterogênea compostos por identidades diversas, seu caráter não classista e sua luta que não visa á transformação social, mas a mudanças pontuais” (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2011, p. 310).

Ou seja, a afirmação e a defesa de identidades particulares de segmentos específicos, é o que há de “novo” nos NMS, em detrimento da identidade de classes. Nessa perspectiva, é necessário ressaltar que existe uma parcela de alguns seguimentos sociais como o movimento feminista, o movimento negro, o movimento LGBT, ambientalista, dentre outros, que não visam à emancipação por meio da ruptura com o capitalismo.

Já para alguns movimentos de caráter anticapitalista a emancipação humana é um horizonte e, por esta razão, só se efetiva com o fim da sociedade de classes, em outras palavras, rompendo com o capitalismo. Posto isso, destaca-se que não se pode ter uma visão romântica dos movimentos sociais, acredita-se que, pela linha política aqui defendida, este seja o caminho, mas nem sempre é isso que ocorre e não há uma unanimidade teórica sobre o assunto.

Pois sim, diante do exposto até o momento se faz necessário destacar a importância dos movimentos sociais, dessas ações coletivas como expressão da contradição capital x trabalho, fruto das desigualdades, da luta de classe, que por meio da articulação, da identidade compartilhada entre esses sujeitos externalizam suas demandas e luta para reivindicar e garantir seu espaço e seus direitos.

Os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Constituem e desenvolvem o chamado empowerment de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede. Tanto os movimentos sociais dos anos 1980 como os atuais têm construído representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas. Criam identidades para grupos antes dispersos e desorganizados, como bem acentuou Melucci (1996). Ao realizar essas ações, projetam em seus participantes

sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos passam a se sentir incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo (GOHN, 2011, p.336).

Portanto os chamados NMS, veio reivindicar direitos até então não atendidos ou tidos como prioridades, pelos movimentos sociais tradicionais. Surgindo de certa forma, lutas complementares as clássicas das classes. Um exemplo são as demandas das mulheres com o surgimento o feminismo. Acreditamos que somente pela auto organização e unificando demandas, que teremos uma universalização das lutas e conquistas das classes trabalhadoras.

3 FEMINISMO, BREVE HISTÓRIA

Desde o século XVIII, no processo da Revolução Francesa as mulheres viram uma possibilidade de se organizarem coletivamente na luta a dominação masculina. Com diferentes formas de vivências e experiências, as mobilizações começaram em torno da reivindicação de igualdade, dando início a ação militante feminista. É graças a essas conquistas, que vem ocorrendo uma transformação na vida das mulheres. Dessa forma, surge o movimento social feminista.

A palavra feminismo tem origem francesa e vem da palavra femme, que em francês significa mulher. Feminismo pode ser então compreendido como tudo aquilo que diz respeito á emancipação das mulheres. O feminismo é ao mesmo tempo uma teoria que analisa criticamente o mundo e a situação das mulheres, um movimento social que luta por transformação. (CAMURÇA e SILVA, 2010, p. 10).

Através da organização e luta coletiva, no decorrer do tempo, o feminismo busca por garantia de direitos, pela mudança estrutural da sociabilidade patriarcal, racista, capitalista e por direitos, contudo, acreditamos que, nesses sistemas relatados não será possível ocorrer verdadeiramente à libertação para mulheres e homens. Daí a permanente militância pela construção de outra sociedade em respeito ao humano genérico.

4 DEBATE CONCEITUAL SOBRE FORMAS DE ORGANIZAÇÕES DOS COLETIVOS FEMINISTAS AUTÔNOMOS

As várias tentativas de materialização dos coletivos foram possíveis, graças à força de organização sólida, autônoma das mulheres, de não conformismo ao sistema que oprime, segrega, violenta, machuca e mata mulheres cotidianamente, pelo fato de sermos mulheres. Para conhecermos melhor as integrantes dos coletivos, a seguir destacaremos a composição social do Diadorim:

[...] o coletivo é formado por mulheres cis e trans, se afirmam como um coletivo autônomo e independente. Possuem uma clara definição e estão vinculadas as mulheres da classe trabalhadora, comprometidas com a luta pelo combate á todas as formas de opressões de classe, raça, gênero ou orientação sexual. [...] (COLETIVO DIADORIM, CARTA POLÍTICA, 2014, s/p).

O coletivo reafirma sua autonomia, ao se posicionar em defesa das mulheres da classe trabalhadora, na luta contra as formas de opressões patriarcais-capitalistas. Nesta direção também apresentamos a composição social dos Tambores de Safo:

[...] formado inicialmente por 16 mulheres, de orientação sexual lésbicas e bissexuais. Além de militarem pelas mulheres negras. As componentes têm idades entre 20 e 35 anos. É um coletivo composto por mulheres da classe média e trabalhadora, que se definem autônomas e militantes feministas. [...].

Podemos perceber, existe a diversidade na representação e composição desses seguimentos. Mas, ao mesmo tempo, articulam-se em na construção de outro projeto de sociedade, sem qualquer tipo de opressão-dominação. Seguindo nesta linha de combatividade, apresentaremos o Leila Diniz:

Formado por mulheres jovens, estudantes, trabalhadoras, negras, pardas, brancas, heterossexuais e homossexuais, que se reivindicam anarquistas, independentes ou vinculadas a Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB). Todas em período escolar e universitário e com idade máxima de 30 anos. As mulheres também não têm filhos ou filhas e não se encontram em uniões estáveis ou casamentos.

(MANIFESTO DO COLETIVO AUTÔNOMO FEMINISTA LEILA DINIZ, 2014, s/p).

É visível a existência da diversidade de integrantes que compõe o coletivo, representa às várias camadas e seguimentos sociais, trazendo ainda os recortes de classe, representando mulheres trabalhadoras, estudantes, visibiliza a identidade negra das participantes, relacionando com a questão de etnia, sexo e orientação sexual. Denominam anarquistas, ao lutar contra o capitalismo e essa forma de governo existente.

Para existirem independentem de vínculos institucionais, a partidos políticos, ONGs, sindicatos ou submeter a vínculo com o Estado. Percebemos uma peculiaridade deste coletivo, todas estudam, são solteiras, ou seja, optaram por viver fora dos padrões e modelos postos pelo patriarcado-capitalismo em suas vidas. Mas transgredindo em contexto pessoal e coletivo, a ordem vigente, opressora e dominadora.

Podemos perceber, os coletivos pensaram muito bem ao trazer a identidade de quem as representam, seja lésbica, bissexuais, negras, nordestinas, cis³, trans⁴ e homossexuais, lutando enquanto militantes, contra as diferentes dominações, no combate as discriminações, preconceitos, explorações sejam de sexo, classe, raça /etnia, orientação sexual ou geracional. O que as unificam é o caráter de representação, auto-organização e combatividade as lutas patriarcais, racista e capitalista.

5 PRINCÍPIOS, ESTRATÉGIAS POLÍTICAS E FINANCIAMENTOS DOS COLETIVOS DIADORIM-PE, TAMBORES DE SAFO-CE E LEILA DINIZ-RN

Nos seus princípios, o Diadorim busca em sua trajetória, autonomia para as mulheres, mediante auto-organização. Temos em sua Carta Política (2014, s/p):

³ A mulher cis é aquela pessoa que nasceu com a genital/vagina foi registrada e se reivindica mulher. Portanto possui a identidade de gênero pela anatomia.

⁴ A mulher trans ou transexual é aquela pessoa que nasceu e foi registrada homem, porém se reconhece mulher, e no gênero diferente que lhe registraram.

Horizontalidade: o coletivo não cria hierarquia, estabelecendo relações de igualdade nas práticas de atuações entre as integrantes; auto organizado: sendo fundamental para o empoderamento das mulheres, individualmente como sujeitos que tem maneiras de vivências e realidades peculiares, permitindo a construção da consciência coletiva, havendo nos feminismos práticas autônomas, relações igualitárias entre os seres sociais, desconstruindo hierarquias e poder masculinos. Independente: é nítido, o Diadorim, auto afirma independente de organismos financiadores, ONGs, até mesmo de vínculos institucionais junto ao Estado para poder existir; autônomo: tendo autonomia no desenvolvimento das ações e atos das mulheres. Interseccionalidade: de acordo com o Coletivo Diadorim, Carta Política (2014, s/p) “a perspectiva interseccional rejeita a separação de categorias analíticas e de identidades e consegue fazer com que a análise abarque as várias dimensões da vida social” anticapitalismo: trazendo ao feminismo a perspectiva, de maior criticidade nas suas ações, reflexão da existência as condições sociais de desigualdades que encontra as mulheres, posta pelos sistemas de dominação. Se firmando anticapitalista, e contra as expressões neoliberais da qual atinge principalmente as mulheres. **(Grifos nossos).**

Os Tambores de Safo traz nos seus princípios:

Constituindo a representação do coletivo, através do posicionamento político seja em reivindicações, ações, protestos nas ruas, músicas, notas publicadas em redes sociais, poesias ou nas expressões de arte. Vem lutando por qualquer tipo de discriminação ou dominação de gênero, raça/etnia ou orientação sexual (2016, s/p).

As estratégias das mulheres são resistir coletivamente, para construir uma sociedade pautada em relações verdadeiramente igualitárias. A conjuntura capitalista exige dos movimentos sociais, em particular o feminismo, unificação para fortalecer a bandeiras, construindo o que Gurgel (2011) chama de coletivo total, como a capacidade de unidade na diversidade que o feminismo pode apresentar, em alguns momentos de articulação de lutas e mobilizações feministas.

Apresentamos os princípios do Leila Diniz (NASCIMENTO, 2016):

Autônomo: essa foi nossa primeira pauta e decisão coletiva. Independente: queríamos caminhar com nossas pernas, de forma independente de partidos políticos e sindicatos. Auto organizado: com uma organização autossustentável e 100% militante, cujas contribuições virão de todas nós, que desejam transformar a realidade machista e colaborar ativamente nesse processo. Autodesignado: por coletivo feminista autônomo no novo rearranjo político e financeiramente. Horizontalizado: não constrói hierarquias, mas possibilita haver

igualdades nas ações feministas. Sororidade: forma de união entre as mulheres como se fossem laços entre irmãs. Interseccionista: permite fazer análises das várias dimensões da vida social. Anticapitalistas: posicionando contra o sistema capitalista e suas opressões, se denominam anarquistas. Antipatriarcado: por ser o principal sistema de dominação e exploração dos corpos e vidas das mulheres. Antirracista: são contrárias as formas de discriminação e traz com ousadia a consciência negra das integrantes. Anticlassista: se posicionam opostas a sociedade hegemônica e burguesa de classe. Mas em defesa das (os) trabalhadores (as). **(Grifos nossos)**.

Portanto, ao estudarmos os princípios dos coletivos, trazemos as suas concepções coletivas, contrárias ao patriarcado, machismo racismo, capitalismo, amparados em formas de organização horizontalizada, autônoma, vindo proporcionar maior criticidade na ação feminista.

Assim encontrando meios de superar as diferenças internas, conflitos para construção da organização coletiva, mobilizando em torno das causas comuns, que é a dominação e opressão sobre as mulheres, agregando apoios e formas de ser, como movimento social orgânico, abarcando as várias dimensões da vida social.

Encontramos no Diadorim, objetivos que possibilita sua autonomia, estratégia e compromisso político para as mulheres cis e trans, em contestação ao grande capital internacional. Porque a lógica implantada no sistema capitalista, é de individualidade, enfraquecimento da organização coletiva das mulheres e da classe trabalhadora, contudo os coletivos feministas pesquisados buscam unificar forças, juntamente de outros sujeitos sociais, para mudar a ordem perversa de dominação, opressão, alienação patriarcal-capitalista, o Coletivo Diadorim, Carta política (2014, s/p):

Luta por um feminismo anticapitalista, antipatriarcal e interseccional, no enfrente as opressões existentes. Aliado as lutas dos movimentos sociais, para a derrubada do patriarcado e das desigualdades vigentes. Mobilização popular, na construção de um novo modelo de sociedade, que tenha igualdade e respeito para as mulheres, na qual elas venham serem donas dos seus corpos e vidas. Visa à participação política das mulheres nos espaços públicos [...].

Portanto, além de articular junto de outros coletivos, o Diadorim alia aos movimentos sociais, para construir maneiras de sociabilidade para além do capital, em bases socialistas. Os vínculos institucionais de ONGs não

representem as mulheres. A autonomia política e financeira é primordial, para os sujeitos coletivos feministas autônomos.

A autoestima dos sujeitos sociais constrói solidamente, na organização da autonomia. Tendo esses objetivos, possibilita haver ações autônomas do coletivo. Trazendo a formação de base política, seja em reuniões, ações ou eventos, somando forças de movimento social que visa à transformação da sociedade.

Ainda em forma de denúncia e combatividade, o coletivo Leila Diniz tem como objetivo (NASCIMENTO, 2016) “fortalecer a luta nos movimentos de mulheres e feminista local, como o Fórum de Mulheres do Rio Grande do Norte”. Podemos dizer, mesmo com tantas diferenças, os coletivos se unificam pela composição social, organização, princípios, objetivos dentre outras questões, deixando claro porquê e **(para quem)** militar.

Ao pesquisar a trajetória do coletivo, e suas formas de organização, fica claro, que também o financiamento ocorre de forma autossustentável, pois nos princípios o Diadorim afirma-se autônomo, independente de organismos financiadores, ONGs ou políticas públicas estatais.

Guiando o direcionamento político, os Tambores de Safo vêm trazendo, maneiras alternativas de sustentabilidade financeira para intervenções na militância em defesa das mulheres:

[...] além de promover encontros e debates, das lésbicas de Fortaleza, Leskontro Cultural, os tambores se articulam com outros coletivos, arrecadando fundos para a sustentabilidade da Casa Feminista, Nazaré Flor. Que é sede de várias instituições e grupos ligados a Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), inclusive do Tambores de Safo. Para isso além da venda de cervejas a Casa Feminista conta com brechós. [...].

No site do coletivo⁵, ajudou ao trazer os dados da pesquisa, a articulação política acontece junto de outros coletivos, para além das intervenções, que também possibilita arrecadar verbas para sustentabilidade do coletivo, demais movimentos sociais, das quais a sede fica na Casa Feminista Nazaré Flor.

⁵ www.tamboresdesafo.blogspot.com/2011/03/tamboresdesafo. Acesso em: 5 out. 2016.

Então os Tambores têm autonomia econômica, permitindo sustentar as mulheres, suas ações, garantindo os próprios recursos e verbas para permanecer atuante, mantendo a unidade interna do coletivo. Nas palavras de Cisne e Gurgel (2015, s/p) “a autonomia política como desafio para os movimentos feministas, associa-se, diretamente, à autonomia financeira [...] assim [...] o desafio se concentra na capacidade da auto sustentabilidade financeira e política”. O financiamento do Leila Diniz ocorre:

O grupo demonstra uma tática herdada ainda da ONG. Aposta em editais como meio de estruturar a organização, todavia, trazem ao debate a necessidade de se apropriarem da natureza e das fontes de recursos das agências financiadoras, a fim de não se aliar ao grande capital. Porém deu início a uma nova caminhada, como coletivo feminista autônomo, com uma organização autossustentável e 100% militante, cujas contribuições virão de todas nós, que desejam transformar a realidade machista e colaborar ativamente nesse processo. (MANIFESTO DO COLETIVO AUTÔNOMO FEMINISTA LEILA DINIZ, 2014, s/p).

É nítido que o coletivo, ainda possui algumas estratégias da formação anterior, herdadas dos tempos de ONG para conseguir a sustentabilidade das ações e militâncias. Contudo na nova reconfiguração e formação, o Leila Diniz aposta em 100% autossustentabilidade e na autonomia política.

6 Contexto de atuação e institucionalização das ONGs feministas

Nos anos de 1980 no Brasil, temos a efervescência dos movimentos sociais contestatórios a ordem vigente como movimento negro, hippie, feminista, que tiveram suas expressividades e “certas demandas atendidas”, mas logo na década de 1990 pelo processo de reestruturação do capital na sua atual fase (neo) liberal e a globalização, perderam de certo modo a visibilidade na sociedade. Conforme Coutinho (2004) “as ONGs cresciam na medida em que os movimentos sociais perdiam sua força mobilizadora e adotavam uma política “integradora” (diferente da contestadora dos anos 1970), através de “parcerias” com o poder público”, ou melhor com o Estado.

Na institucionalização do feminismo em ONGs, assistimos à reconfiguração das lutas, de reivindicações atendidas aos interesses dos ditames do capital e organismos internacionais.

Temos nesse processo um nítido exemplo de transformismo na institucionalização do movimento feminista. [...] embora o feminismo institucionalizado seja supostamente representante dos interesses das mulheres, temos, na prática desse feminismo, um vínculo muito mais estreito com os interesses de seus financiadores, uma vez que, ao fim e ao cabo, são estes que determinam as áreas e a forma de atuação e até mesmo a linguagem da maioria das ONGs (CISNE, 2014, p. 146).

Quem dita as “regras desse jogo” são os financiadores, tendo poder de decisão, definem os projetos, ações a serem desenvolvidas pelas ONGs feministas. A dinâmica interna das instituições é controlada, “dançando conforme a música tocada” pela política neoliberal e representada pelos agentes internacionais, frente à política feminista. No início desse contexto, os editais das ONGs ainda eram destinados uma formação política, mas com a expansão do (neo) liberalismo veio o controle. Surgindo demandas postas pelos organismos e novas linguagens de acordo aos interesses do capital.

Por conseguinte, a institucionalização do feminismo em ONGs trouxe, segundo Cisne e Gurgel (2008, p 77) “forma subordinada aos interesses e exigências dos organismos internacionais e do grande capital, significa, pois um retrocesso em relação ao poder de resistência da classe trabalhadora”. O movimento feminista nesse contexto perdeu sua autonomia, frente à condição de dependência das ONGs e o financiamento hora sendo estatal, hora pelos interesses dos organismos financiadores, como Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (BM) e Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD).

Faz-se necessário recriar estratégias de organização, na condição de corpo coletivo e heterogêneo, ampliando seus horizontes políticos, na construção em bases sociais auto-organizada. No caso do movimento feminista, grande parte das ONGs instaladas no Nordeste e Brasil, no lugar de possibilitarem um trabalho junto das mulheres, achavam (acham) que as auto- representavam, embora essa realidade não seja generalizada para todas as ONGs. Na contemporaneidade vemos o inverso, na retirada dos investimentos e financiamento, vem ocorrendo o processo de desorganização. (SILVINO, 2017, p. 45).

E com isso podemos indicar que um dos grandes desafios posto ao feminismo na contemporaneidade, tem sido buscar manter sua autonomia política e financeira. Para a construção de uma perspectiva mais radical, autônoma, para além do mundo do “Terceiro Setor⁶”.

7 A CONSTRUÇÃO DO COLETIVO TOTAL

Ao analisarmos a história do feminismo, trazemos as mulheres, enquanto protagonistas centrais, em unidade, para a transformação social, na condição de coletivo total. E não construir o movimento em fragmentações:

Nesse coletivo total que defendemos para o feminismo, as particularidades das experiências dos sujeitos devem ser consideradas e respeitadas, inclusive, com autonomia entre si na vivência e expressão de suas diferenças. Daí a importância de espaços da auto-organização dos sujeitos feministas, como método de formação e ação política. (CISNE e GURGEL, 2015, s/p).

E com isso podemos indicar que um dos grandes desafios posto ao feminismo na contemporaneidade, tem sido buscar manter sua autonomia política e financeira. No movimento de captura na dinâmica da totalidade, a construção coletiva, autônoma, no combate a existência das desigualdades entre homens e mulheres, que ao rever estratégias e pautas, possibilita traçar outros espaços de atuação, unificação em torno da construção, do chamado coletivo total.

“O debate em torno do sujeito coletivo é uma das questões centrais que são postas para o feminismo na atualidade. Sua abordagem implica atualizações conceituais e, ao mesmo tempo, uma análise crítica de sua política no campo dos movimentos sociais” GURGEL (2014, p. 71). Para

⁶ O debate do chamado “terceiro setor” parte do ideológico pressuposto da realidade setorializada; assim existiria um primeiro, um segundo e um terceiro setor; o Estado, o mercado e a “sociedade civil” [...] a) organizações não lucrativas e não governamentais (ONGs), Movimentos sociais, organizações e associações comunitárias; b) instituições de caridade, religiosas; c) atividades filantrópicas- fundações empresariais, filantropia empresarial, empresa cidadã [...]. (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2011, p. 305).

fortalecermos as lutas em defesa das mulheres, na condição de perspectiva crítica da realidade social:

No conjunto dos questionamentos em torno do papel e desafio do feminismo como movimento de contrapoder, o debate sobre estratégia assume, sem dúvida, uma importante centralidade e exige do movimento uma reflexão crítica de sua teoria e práxis social. O desafio é desenvolver simultaneamente a crítica ao Estado e ao capitalismo, sem perder de vista as demais questões que constroem a identidade compartilhada das mulheres, seja na reivindicação de direitos sociais, seja no processo de oposição à estrutura patriarcalizada da sociedade. (GURGEL, 2014, p. 72).

Sabemos que o feminismo se constitui de múltiplos sujeitos ao compartilhar na realidade social experiências particulares e coletivas, na formação da práxis política, autônoma, organizando que vem se fortalecendo em um coletivo total.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande desafio hoje para os coletivos feministas autônomos é criar um projeto comum, auto-representado pelas mulheres, trazendo a formação de base organizada dos coletivos feministas, não permitir que ONGs, partidos, instituições ou o Estado, promovam ações ou até mesmo políticas focalizadoras na pobreza, achando que irão representar as mulheres e suas lutas. Pois essas, não têm a mínima pretensão de transformar a estrutura do capital, e a condição para tais políticas existirem é somente garantir o mínimo social. Em síntese, o que desafia o movimento social feminista, na contemporaneidade é a busca da autonomia política e financeira, como princípio norteador e central para o retorno do movimento mais radical, autônomo, político e organizado.

REFERÊNCIAS

ARTICULAÇÃO de mulheres brasileiras. c2014. Disponível em:
<<http://www.articulacaodemulheres.org.br/tambores-de-safo>>. Acesso em:

10 out. 2016.

CAMURÇA, Sílvia; SILVA, Carmen. **Feminismo e movimento de mulheres**. Recife: SOS Corpo, 2010. p.13-14.

CISNE, Mirla; GURGEL, Telma. Féminisme Et Autonomie, Le Défi Du Collectif Total . État Des Résistances Dans Le Sud. mouvements de femmes. **Alternatives Sud** - État des résistances dans le Sud., Bruxelles, v. 12, n. 4, 2015.

_____. Feminismo, Estado e políticas Públicas: desafios em tempos neoliberais para a autonomia das mulheres. **Ser Social**, Brasília, 2008.

COLETIVO AUTÔNOMO FEMINISTA LEILA DINIZ. **Manifesto do coletivo autônomo feminista Leila Diniz**. 2014. Disponível em: <<http://www.facebook.com/ColetivoLeilaDiniz/posts/706700192716777>>. Acesso em: 21 maio 2017.

COLETIVO DIADORIM. **Carta Política**. Recife, 2014.

COUTINHO, Joana. As OGNs: origens e (dês) caminhos. **Recherches Internationales**, [S.l.], n. 73, 2004.

DURIGUETO, Maria Lúcia; MONTAÑO, Carlos. **Estado, Classes e Movimentos Sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GURGEL, Telma. **Questões de autonomia para a práxis do Feminismo**. 2004. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/T/Telma_Gurgel_06.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2016.

_____. Feminismos no Brasil Contemporâneo: apontamentos críticos e desafios organizativos. **Temporalis**, Brasília, ano 14, n. 27, p. 57-76, 2014.

_____. O feminismo como sujeito coletivo total: a mediação da diversidade. **Cadernos de crítica feminista**, Recife, ano 5, n. 4, p. 30-47, 2011.

_____. Feminismos e autonomia na América Latina: algumas questões estratégicas. In: ALVES, M. E. R; TEIXEIRA, M. (Org). **Feminismo e gênero: desafios para o Serviço Social**. Brasília: Abaré, 2015.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria Dos Movimentos Sociais paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

_____. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, pp. 333-361, maio/ago. 2011.

NASCIMENTO, Lissa Crisnara Silva do. **Feminismo, autonomia e consciência coletiva**. Curitiba: CRV, 2016.

SILVINO, Dariana Maria. **Feminismo e autonomia no Nordeste**. 2017. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró, 2017.

TAMBORES de safo. 2011. Disponível em:
><http://www.tamboresdesafo.blogspot.com/2011/03/tamboresdesafo>>. Acesso em: 5 out. 2016.